

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

Expansão internacional exige estratégia antes do visto de exportação »2



CULTURA

Júlia Ramalho transforma movimentos do corpo em presença e desenhos » 4



ARQUIVO PESSOAL

O Espírito Santo que vai além dos cartões-postais

Roteiros unem mar, montanha, história e aventura e mostram atrações que ainda passam longe dos caminhos mais conhecidos por turistas de outros estados »3

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



ANA CAROLINA FREITAS

Mobilidade decide o sucesso da expansão mundial

Toda expansão internacional começa pelos números. Estudos de mercado, análises de viabilidade, simulações de retorno e adaptação a novas regras comerciais consomem meses de trabalho e milhões em orçamento. Falta, porém, uma peça nessa conta: as pessoas que vão tirar o projeto do papel. Executivos e técnicos costumam entrar no planejamento só na reta final, tratados como um trâmite a ser resolvido pelo departamento de pessoal pouco antes do lançamento.

Esse é um erro caro, e o cenário atual o agrava. Em meio à volatilidade geopolítica, com protecionismo, novas barreiras tarifárias e políticas migratórias mais rígidas nos Estados Unidos e em países europeus no centro do debate, as empresas concentram a atenção na aritmética do "tarifaço" e em como absorver custos tributários. Pouco se fala do efeito invisível desse movimento: fluxos migratórios mais restritos e imprevisíveis, que dificultam levar as pessoas certas ao lugar certo, na hora certa.

A lógica dominante ainda é

fechar o negócio primeiro e cuidar da imigração depois. É esse desalinhamento que cobra a conta. Um exemplo recente é a implantação da fábrica da BYD em Camaçari (BA). Centenas de trabalhadores foram deslocados da China para as obras, mas a operação passou a ser investigada por irregularidades migratórias e graves violações trabalhistas, atribuídas também às empresas contratadas. Parte das obras foi interrompida, trabalhadores retornaram à China, a emissão de novos vistos temporários foi suspensa e o cronograma da fá-

brica precisou ser revisto.

O episódio mostra que mobilidade global não é apenas transportar profissionais entre países. É compatibilizar, com antecedência, vistos, autorizações de trabalho, contratos, condições laborais, fornecedores e regras locais.

Por isso, uma estratégia de mobilidade global precisa integrar desde o início as frentes migratória, tributária, trabalhista, previdenciária e societária, além da remuneração internacional, da proteção de dados e das necessidades da família do profissional transferido.

Cada uma dessas dimensões interfere no custo, no prazo, na segurança jurídica e na sustentabilidade da operação.

A mobilidade, portanto, não começa no visto. Começa quando a diretoria desenha o mapa de expansão e decide onde alocar recursos. Tratar a transferência de lideranças e especialistas como etapa secundária é a receita para estourar prazos, pagar multas e ver a concorrência ocupar o espaço que deveria ser seu. Pessoas são a espinha dorsal de qualquer internacionalização: a ausência de um único profis-

sional estratégico pode travar a abertura de uma fábrica ou atrasar uma transferência de tecnologia.

As organizações mais maduras já não enxergam a legislação migratória como entrave, mas como uma variável de risco operacional que exige gestão preventiva. Elas antecipam cenários, mapeiam os fluxos regulatórios e decidem onde crescer, sabendo exatamente como e quando suas equipes poderão atuar. Num mundo de fronteiras cada vez menos previsíveis, essa antecipação é vantagem competitiva.

Somos diário. Seja no impresso ou no digital

Aqui você realiza, no melhor preço de mercado, a sua publicação legal.



A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim
Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
daniehcourtinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Boueri
Eduardo Aencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
Pedro Rocha
PH Caetano

**SIGA NOSSAS
REDES SOCIAIS:**

/eshoje
 @eshoje
 eshoje
 eshoje

ES: um estado que ainda espera para ser descoberto

Do litoral ao interior, roteiros revelam águas, história, cultura e aventura para quem olha além

Há um Espírito Santo conhecido pelos cartões-postais e outro que começa justamente onde eles terminam. Guarapari tem mais de 50 praias, mas basta deixar a areia para encontrar montanhas e propriedades rurais. Vila Velha tem o Convento da Penha, mas aos pés do monumento estão lugares que ajudam a contar o início da colonização do Estado. Na Serra, quem se afasta dos grandes centros urbanos encontra mar, trilhas e patrimônio histórico.

A viagem também pode começar por uma estrada. Ibatiba é atravessada diariamente por quem percorre a BR-262, mas sair da rodovia revela cachoeiras, café e a memória dos tropeiros. No Norte, Linhares pode parecer apenas parte do caminho de quem segue viagem, embora reúna dezenas de lagoas, praias e Mata Atlântica capazes de transformá-la no próprio destino.

De Norte a Sul, uma série de reportagens do ESHOJE percorreu municípios capixabas em busca desses lugares. O resultado mostra um Estado em que mar, montanha, história, gastronomia e aventura muitas vezes estão separados por poucos quilômetros.

DO MAR PARA AS MONTANHAS

É no litoral que estão alguns

dos destinos mais conhecidos. Guarapari reúne praias para diferentes públicos, de famílias a surfistas e mergulhadores. Em Setiba, a paisagem inclui costões, ilhas e áreas preservadas. Ali também fica o Parque Estadual Paulo César Vinha, onde restingas, dunas, praias e lagoas mostram uma face distante da agitação da alta temporada.

Na Serra, os 23 quilômetros de litoral dividem espaço com o Mestre Álvaro. O município também guarda patrimônios que atravessam séculos. A Igreja e Residência dos Reis Magos, erguida ainda no século XVI, integra um conjunto que ajuda a contar a presença jesuítica e indígena na região.

Mais ao Norte, Linhares faz da água uma de suas marcas. São 69 lagoas, além de praias como Regência, Povoação e Pontal do Ipiranga. A Lagoa Juparanã, com cerca de 26 quilômetros de comprimento, permite banho e esportes náuticos. Já Regência reúne surfe, pesca, congo e iniciativas de conservação ambiental.

Aracruz acrescenta outro elemento ao percurso. O litoral se encontra com o ecoturismo e com a presença indígena que integra a identidade do município. Praias como Coqueiral convivem com territórios e manifestações culturais que ajudam a contar parte da formação capixaba.



Lagoa Juparanã, em Linhares, possui 26km de comprimento e espaço para banho e navegação

Histórias encontradas pelo caminho

VILA VELHA foi onde desembarcou Vasco Fernandes Coutinho, em 1535, e onde se formou a Vila do Espírito Santo. O Convento da Penha permanece como seu símbolo maior, mas o entorno reúne igrejas, construções e espaços culturais que ajudam a entender o lugar da cidade na memória capixaba.

Em Viana, o Complexo Histórico de Araçatiba tem como destaque a Igreja Nossa Senhora da Ajuda, do início do século XVIII. A história local passa ainda pela ocupação colonial e pela chegada de imigrantes açorianos no início do século XIX.

No Sul, Cachoeiro de Itapemirim mistura paisagem e memória. O Rio Itapemirim e o Pico do Itabira ajudam a desenhar a cidade, enquanto personagens como Rubem Braga, Roberto Carlos e Sérgio Sampaio acrescentam literatura e música ao roteiro. Igrejas, construções históri-

cas, cachoeiras e sabores locais completam a viagem.

A cerca de 160 quilômetros de Vitória, Ibatiba guarda atrás da movimentação da BR-262 uma relação profunda com os tropeiros. O Monumento ao Tropeiro e o museu instalado em uma casa-rão de 1924 preservam essa memória. A cidade acrescenta à história a produção de café, a gastronomia rural e a Cachoeira da Usina, formada por uma sequência de quedas.

Em Colatina, o desvio leva a Ângelo Frechiani, distrito com pouco mais de mil moradores e mais de 50 quilômetros de trilhas utilizadas para ciclismo e motocross. Às margens da Rodovia do Café, o lugar reúne plantações de café, cacau e banana, produção artesanal, rios e córregos. Uma formação rochosa com cerca de 900 metros ainda abre espaço para voo livre e parapente.

São experiências diferentes,

mas que chegam ao mesmo ponto: conhecer o Espírito Santo muitas vezes exige abandonar a ideia de que um município se resume àquilo que o tornou conhecido. Entre o mar e a montanha, uma estrada pode levar a um destino que sempre esteve perto — apenas fora do roteiro mais óbvio.

ESCOLHA SEU ROTEIRO

- **NATUREZA** e água: Guarapari, Serra, Linhares e Aracruz reúnem praias, lagoas, trilhas e áreas preservadas.
- **HISTÓRIA** e cultura: Vila Velha, Serra, Viana e Cachoeiro atravessam diferentes períodos e personagens da formação capixaba.
- **INTERIOR** e sabores: Ibatiba, Viana e Ângelo Frechiani aproximam o visitante da produção rural, do café e das tradições locais.
- **AVENTURA:** Trilhas, ciclismo, surfe, esportes náuticos, voo livre e parapente aparecem em diferentes pontos do Estado.



Forte São João Francisco Xavier da Barra, em Vila Velha

Julia Ramalho expõe desenho em grande escala

Mostra na Ufes reúne produções contemporâneas que debatem corpo, memória e futuro no ES

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

O Museu Vale e a Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu) apresentam a exposição “Passagem”, no campus da Ufes, em Goiabeiras. Com curadoria de Isabella Baltazar, a mostra reúne obras de artistas selecionados por edital e convidados da cena capixaba, abrangendo linguagens como fotografia, instalação, escultura, vídeo e performance.

Entre os trabalhos em exibição está “desenho/primeira pessoa”, de Júlia Ramalho. A obra consiste em um desenho de grandes proporções executado a partir do deslocamento e do engajamento de todo o corpo da artista sobre o suporte, propondo reflexões sobre presença e gestualidade.

Segundo a diretora do Museu Vale, Claudia Afonso, a iniciativa fortalece a difusão da arte contemporânea no Espírito Santo e amplia o acesso do público às pesquisas locais. Na entrevista a seguir, Júlia Ramalho fala sobre os processos criativos de seu trabalho.

ES Hoje: Por que trabalhar em escala ampliada, com o corpo inteiro guiando o traço?

Júlia Ramalho: Pensar o movimento do corpo no meu trabalho parte também de

uma investigação sobre as formas como o corpo é contido, disciplinado e condicionado a determinados modos de existir. O desenho aparece, nesse sentido, como possibilidade de deslocamento dessas contenções: uma forma de experimentar o corpo, produzir presença e construir outras maneiras de estar no mundo. Por isso, a escala ampliada não é apenas uma escolha formal. Ela é consequência da própria operação do desenho. Para desenhar corpos em movimento, preciso movimentar o meu próprio corpo. É nesse sentido que penso o trabalho como uma espécie de corpografia: o corpo produz o desenho e, ao mesmo tempo, deixa nele o registro da própria ação.

O que significa desenhar?

Desenhar, para mim, é uma operação que articula corpo, pensamento, memória e anseios. O movimento acessa uma espécie de anatomia psíquica, um repertório de imagens e experiências que se manifesta no traço. Por isso, imagem e processo são indissociáveis. O desenho é resultado, mas também registro de uma ação. E essa dualidade está presente em desenho/primeira pessoa.

Como surgem as figuras?

As figuras não partem da observação de corpos específicos. Elas surgem da própria operação do desenho, na relação entre movimento, memória, percepção e subjetividade. Não parto de uma anatomia previamente definida nem da intenção de representar uma pessoa. As figuras se constroem durante o processo. Penso esses corpos como imagens de uma espécie de anatomia psíquica: um repertório interno formado por memórias, percepções, experiências e imagens de corpo. Por isso, não são retratos, mas manifestações da construção da minha presença. Existe uma espécie de ciclo nesse processo: eu movimento o meu corpo para produzir o desenho e, desse movimento, surgem outros corpos. A figura, então, não é apenas uma representação, mas uma inscrição desse processo na superfície.

O público vê uma obra acabada ou o rastro de uma ação?

Acho que as duas coisas acontecem ao mesmo tempo. Existe uma dimensão temporal no de-



“Desenho, primeira pessoa”, de Júlia Ramalho, propõe reflexões sobre presença e gestualidade

senho: aquilo que vemos como uma imagem estática é resultado de deslocamentos, pausas, repetições e gestos realizados pelo corpo. Nesse sentido, o trabalho não separa completamente processo e resultado. A imagem é também o registro da ação que a produziu. O público não presencia necessariamente o gesto original, mas pode percebê-lo através da escala, das linhas, das figuras e da própria materialidade do desenho. É como se o movimento permanesse latente na superfície.

Como o seu trabalho dialoga com as outras obras em “Passagem”?

Talvez não exista nada mais universal do que a subjetividade. Ela é particular; cada artista constrói uma relação única com o mundo, com o corpo, com a memória e com a experiência, mas o fato de todos nós sermos atravessados por ela é justamente o que nos aproxima. Acho que “Passagem” cria esse diálogo justa-

mente pela diferença. São trabalhos que partem de linguagens, procedimentos e questões distintas, e é esse contraste que permite que eles se complementem. Nem sempre aquilo que se complementa é aquilo que se parece. A própria realização da exposição cria

esse espaço de encontro entre diferentes pesquisas e artistas da cena capixaba. O projeto possibilita que produções que partem de lugares distintos compartilhem um mesmo espaço e estabeleçam novas relações entre si e com o público.

Como está a pesquisa no seu trabalho?

No meu trabalho, a pesquisa acontece a partir do corpo e do desenho; outros artistas partem de outros lugares, materiais e perguntas. Quando essas pesquisas se encontram, cada uma mantém sua particularidade, mas também passa a produzir novas relações com as demais. Talvez o que exista de comum seja justamente a presença do artista-pesquisador: diferentes formas de investigar, formular perguntas e produzir experiências estéticas. Passagem, nesse sentido, reúne diferenças sem precisar dissolvê-las, e é justamente nessa convivência que o diálogo acontece.



ARQUIVO PESSOAL

“Talvez não exista nada mais universal que a subjetividade; ela é particular de cada artista”



Artista produz desenhos a partir do movimento do seu corpo